



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA**  
**CAMPUS JOÃO PESSOA**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª**  
**LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**GIRLENE PEREIRA BARBOSA RODRIGUES**

**O ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO L2 DA CRIANÇA**  
**SURDA PELA LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS**

**JOÃO PESSOA**  
**2021**

**GIRLENE PEREIRA BARBOSA RODRIGUES**

**O ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO L2 DA CRIANÇA  
SURDA PELA LITERATURA INFANTIL EM LIBBRAS**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Mari, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Monique Alves Vitorino.

**JOÃO PESSOA  
2021**

Biblioteca Nilo Peçanha do IFPB, *campus* João Pessoa

R696e Rodrigues, Girlene Pereira Barbosa.

O ensino-aprendizagem de português com L2 da criança surda pela literatura infantil em libras / Girlene Pereira Barbosa Rodrigues. – 2021.

21 f. : il.

TCC (Especialização – Ensino de Língua Portuguesa) – Universidade Aberta do Brasil - UAB / Instituto Federal de Educação da Paraíba – IFPB / Coordenação do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos na Modalidade de Educação a Distância, 2021.

Orientação : Profª D.ra Monique Alves Vitorino.

1. Inclusão. 2. Literatura surda. 3. Literatura infantil. I.Título.

CDU 376 (043)

Lucrecia Camilo de Lima  
Bibliotecária – CRB 15/132


**GIRLENE PEREIRA BARBOSA RODRIGUES**

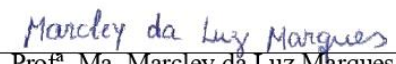
**O ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO L2 DA  
CRIANÇA SURDA PELA LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS**

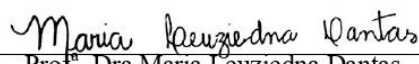
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Banca Examinadora, do  
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia  
da Paraíba (IFPB), para obtenção do título  
de Especialista em Ensino de Língua  
Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

Local, 21 de maio de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dra. Monique Alves Vitorino  
Orientadora – IFPB

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Ma. Marcley da Luz Marques  
Avaliadora – IFPB

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Leuziedna Dantas  
Avaliadora – IFPB

# O Ensino-Aprendizagem de Português como L2 da Criança Surda pela Literatura Infantil em Libras

Girlene Pereira Barbosa Rodrigues<sup>1</sup>  
Monique Alves Vitorino<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo trata sobre a inclusão da criança surda na educação infantil através da literatura, refletindo acerca da importância da literatura surda no processo de alfabetização. O objetivo principal consiste em mostrar a leitura literária como recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem com alunos surdos, enfatizando a importância da linguagem visual na compreensão sobre sua cultura e identidade. Trazemos, também, uma discussão acerca do trabalho pedagógico com o conto “Cinderela Surda” (SILVEIRA; KARNOPP, ROSA, 2011). A pesquisa foi desenvolvida em teor exploratório e bibliográfico com base nos estudos realizados por Salles (2004), Schwamch (2010) e Karnopp e Hessel (2009). Com isso esperamos contribuir com os professores nas escolhas dos textos a serem trabalhados pedagogicamente com proposta de ensino na perspectiva de português como L2, e consequentemente, inserindo a criança surda no processo de aprendizagem e formação de sua identidade.

**Palavras-chave:** Inclusão. Literatura Surda. Literatura Infantil.

## 1. Introdução

A inclusão da criança surda, no Brasil, recebeu ênfase após a publicação da Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras), como sendo a língua do sujeito surdo. Esse acontecimento repercutiu em grandes mudanças na Educação do país, uma vez que essa lei colocou em evidência a formação do sujeito surdo e sua cultura. Nesse cenário, houve o incentivo nas escolas para que as crianças surdas aprendessem sua língua materna a Libras (doravante L1), com isso o aluno surdo passou ser alfabetizado em Língua Portuguesa (doravante L2) a partir da relação com a L1.

Além disso, houve a necessidade de o surdo ter sua cultura e língua inseridas no ambiente escolar com histórias sinalizadas. Uma vez que contar história é uma maneira divertida de transmitir conhecimento e ao mesmo tempo estimular o imaginário da criança, nesse momento, cria-se um universo onde podemos educar e estimular de forma lúdica e afetiva. As histórias são momentos de comunicação e interação passadas entre civilizações. Como concordam Karnopp e Hessel (2009, p.13), “O ato de contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização e esteve presente em diferentes culturas, atuando como um dispositivo para aprendizagem de forma lúdica e afetiva”.

---

<sup>1</sup> Formada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Substituta na Universidade Estadual da Paraíba.

Neste trabalho, elaboramos uma reflexão a partir de uma proposta que respeite a língua natural do surdo, pois esses sujeitos utilizam uma língua de modalidade visual-gestual. Como afirma Karnopp, Klein e Lazzarin (2011, p. 21):

A Língua Brasileira de Sinais (libras) – principal marcador identitário da cultura surda – é uma língua visual-gestual cuja escrita vem sendo utilizada no cotidiano de seus usuários. A escrita dos sinais é a forma de registro das línguas de sinais, mas são raras as obras produzidas que utilizam. Além disso, também são poucas escolas que incluem a escrita dos sinais em seus currículos.

Como podemos observar, a Libras é a língua do sujeito surdo, mas há falta de recursos específicos para o surdo desenvolver suas competências linguísticas e literárias, pois são poucas obras que têm a escrita de sinais e são poucas as escolas que tem libras no currículo escolar. Estas são questões problemáticas para o seu desenvolvimento educacional, pois na sala de aula predominam recursos que privilegiam a linguagem oral e escrita. Por isso, enfocamos na formação do professor a inclusão da língua visual-gestual nas aulas de Literatura, a fim de as crianças surdas saiam da educação infantil conhecendo a importância das obras literárias para sua identidade. Com isso, discutimos uma proposta bilíngue em que o sujeito surdo sai da educação infantil conhecendo um pouco de sua literatura e conseqüentemente de sua cultura.

O objetivo principal consiste em mostrar a literatura como recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem com alunos surdos, enfatizando a importância da linguagem visual na compreensão sobre sua cultura e identidade. Visamos, ainda, refletir sobre como a literatura é importante no letramento e na comunicação do surdo e na sua inserção na sociedade a partir de uma discussão acerca do trabalho pedagógico com o conto Cinderela Surda (SILVEIRA; KARNOPP, ROSA, 2011).

Com este trabalho, queremos aguçar os surdos a buscarem a leitura de obras visuo-gestuais a fim de ampliar o conhecimento de mundo e de sua cultura, e propor aos professores uma reflexão sobre as escolhas de obras literárias em contexto pedagógico. Justifica a escolha deste tema a falta de um currículo surdo nas escolas que contempla a identidade surda, pois muitas vezes o ensino é pautado em uma proposta oralista. Assim sendo, que o surdo tenha acesso a uma metodologia que privilegie a língua de sinais, que é a sua língua natural, e a sua inserção na comunidade intelectual e na sociedade. Com isso, esperamos que as crianças surdas tenham conhecimento de alguns autores e obras literárias de sua cultura e uma alfabetização posicionada em obras literárias visuo-gestuais.

A pesquisa foi desenvolvida em teor exploratório e bibliográfico com base nos estudos realizados por Salles (2004), Schwamch (2010), Karnopp e Hessel (2009) e Quadros e Schmiedt (2006), os quais abordam pontos de vistas para a inclusão do sujeito surdo nas escolas e ideias de ensino apoiadas em uma metodologia de como ensinar a literatura para os surdos. Seguimos uma perspectiva qualitativa segundo a qual analisamos as ideias dos autores sobre o tema. Trazemos também, nesse trabalho, uma discussão que enfoca a possibilidade de se trabalhar didaticamente o conto Cinderela Surda (SILVEIRA; KARNOPP, ROSA, 2011). Com isso, esperamos contribuir com os professores nas escolhas dos textos e da perspectiva pedagógica/metodológica de abordagem desses textos, inserindo a criança surda no processo de aprendizagem e formação de sua identidade.

Por fim, este artigo está dividido nas seguintes seções: 1. Apresentamos a introdução. 2. Fazemos uma exposição sobre a importância da inclusão da pessoa surda, em que se discute como esta sendo a inclusão dos surdos nas escolas regulares fundamentada pela lei 10.436 de 24 de abril de 2002. 3. Abordamos a importância da literatura surda para os surdos na construção de sua identidade. 4. Trabalhamos o conto Cinderela Surda (SILVEIRA; KARNOPP, ROSA, 2011) em uma recomendação para a sala de aula. 5. Apresentamos as considerações finais sobre o trabalho e sua relevância para o processo de ensino da L2 através da Literatura surda e sua representatividade para o povo surdo.

## **2. A importância da inclusão da pessoa surda**

A inclusão no ensino regular é perpassada por polêmicas e preconceitos devido aos pontos positivos e negativos que permeiam o tema, e, também, ao preconceito da sociedade em compreender a inclusão. Como concorda Schwanck:

Durante algum tempo as crianças e adolescentes que apresentavam necessidades educacionais especiais iam para escola de educação especial, mas não exerciam um papel definido na sociedade. Atualmente o que se que em relação à inclusão escolar é também uma inclusão social. Há leis que contribuem para inserção de pessoas portadoras de deficiências na sociedade, mas todas as pessoas que fazem parte da sociedade precisam aceitar e cooperar para convivência mais saudável entre todos os membros da sociedade. (SCHWANCK, 2010, p.12)

A inclusão é um processo irreversível, pois é necessário para o reconhecimento das diferenças dos alunos e suas diversidades, principalmente, dos surdos que precisam de uma educação diferenciada. Como afirma Marqueti:

Observa-se que a inclusão é um processo irreversível, embora vista por muitos como utopia, a inclusão bate à porta das escolas, exigindo que a escola pública execute sua função política e social comprometida e responsável pela educação de todos e seguindo as orientações da inclusão, isto é, permitir o acesso e permanência a todos os alunos, respeitando suas diferenças. (MARQUETI, 2013, p. 15)

Toda criança tem direito à educação, possuindo deficiência ou não, pois esse é um direito fundamental da Constituição Federal/88 capítulo III seção I art. 205, que afirma que educação é direito de todos. A escola deve ser um espaço de aprendizagem sem preconceitos que tem por objetivo reconhecer as diferenças e valorizá-las, pois o essencial é o acesso do aluno e sua permanência em sala de aula, respeitando sua diversidade.

É na educação infantil que deve acontecer à alfabetização das crianças sejam essas ouvintes ou surdas. A educação infantil é onde ocorre o primeiro contato da criança com a escola e, na maioria das vezes, a criança surda vem de uma família ouvinte sem nenhum conhecimento em língua de sinais, então é na escola que essa criança vai ter o primeiro contato e aprenderá Libras, conseqüentemente, a Língua Portuguesa. Como concorda Quadros e Schmiedt (2006, p.22) “A escola torna-se, portanto, um espaço linguístico fundamental, pois normalmente é o primeiro espaço que a criança surda entra em contato com a língua brasileira de sinais”. Sendo assim, a criança surda aprenderá duas línguas simultaneamente. Como afirma Quadros (2006, p. 32):

O ensino de língua de sinais é um processo de reflexão sobre a própria língua que sustenta a passagem do processo de leitura e escrita elementar para um processo mais consciente. Esse processo dará sustentação para o ensino de língua portuguesa que pode estar acontecendo paralelamente.

A educação dos surdos ao longo dos tempos passou por vários dogmas, pois os surdos necessitam de uma educação especial. Foram várias metodologias adotadas nesse processo de ensino, como, por exemplo, o Oralismo, a Comunicação Total, o Bilinguismo e, posteriormente, a Educação Bilíngue. Descreveremos a seguir cada uma delas e suas metodológicas educacionais:

O Oralismo tinha como metodologia ensinar o surdo a falar e ouvir, com isso, em vez de educar o surdo tentava curar sua deficiência, pois consistia em ensinar o surdo a emitir sons, com a manipulação dos órgãos fonoarticulatórios e leitura de lábios. Houve o fracasso dessa metodologia, pois na maioria das vezes o professor fazia papel de um fonoaudiólogo, servindo a essa proposta só para reabilitar a fala do surdo



esquecendo o essencial, a aprendizagem. Era totalmente oposto à língua de sinais. Esse modelo de educação desconsiderou a identidade surda, já que orientava uma identidade comum tanto para surdo como ouvintes.

A filosofia educacional da Comunicação Total deu uma nova visão para a pessoa surda, não como deficiente, mas como um indivíduo diferente, tanto que o termo adotado passa a ser “surdo” e não mais “deficiente”. Com isso, o surdo é visto como capaz, e assim sendo, pode aprender diversas coisas com a mediação de sua Língua de Sinais e também outras formas de se comunicar, pois a Comunicação Total defende a facilitação na comunicação e não especificamente o aprendizado de uma língua. Ela incorpora modelos aditivos, manuais e orais. No entanto, a desvantagem dessa modalidade é o fato de a Língua de sinais não ser tão privilegiada. Assim, se a criança precisa conhecer várias métodos para se comunicar, perde um desempenho que poderia estar investindo em uma método só.

O Bilinguismo surgiu como proposta da Educação inclusiva, adequando seu sistema educacional a todos os envolvidos. Segundo Gayoso (2010, p, 102-103), “é a opção educacional que nos parece mais adequada e que mais respeita o surdo, enquanto sujeito, pois expõe a criança surda a uma língua de fácil acesso, a Língua de sinais”. Nessa perspectiva, o aluno surdo tem acesso à Língua Portuguesa, sua segunda língua, por meio da sua língua natural, a Língua de sinais. Temos que considerar como válida essa proposta, pois é garantida por lei 10. 436 que beneficiou a educação do surdo. No entanto, algumas reflexões são levantadas nesse modelo devido à ausência de alguns aspectos imprescindíveis para a aprendizagem do surdo, como a necessidade de toda equipe pedagógica da escola saber utilizar a Língua de sinais e uma metodologia que privilegie não somente o ouvinte, mas a pessoa surda. Sabendo desses nuances da proposta apresentada, vamos nos deter agora na proposta da Educação bilíngue.

Desde a década de 1980, tem-se dado ênfase à proposta de uma Educação bilíngue para os surdos no Brasil com uso da Língua de sinais que os surdos constroem visão de mundo aprimorada, mesmo assim, não deve ser ignorada a realidade de uma segunda língua utilizada no dia a dia pela comunidade majoritária, a língua oral. Nesta proposta, adequar-se a realidade ouvinte não seria o ideal para o sujeito surdo e, sim, assumir a sua identidade que é ser surdo. Embora exista essa ênfase nessa proposta, ainda é confundida com a proposta do bilinguismo. Como concorda Quadros

A proposta de educação bilíngue é muito recente e são poucas as experiências implementadas. Para Skliar (1997b), um dos principais pesquisadores no Brasil, essa proposta nasce em oposição à concepção clínica-terapêutica da surdez e como um reconhecimento político da surdez como diferença. Na perspectiva bilíngue, a língua de sinais é considerada a primeira língua do surdo e a língua majoritária – na modalidade oral e /ou escrita – como segunda. (QUADROS, 2006, p.52)

Confirmando um resultado positivo das lutas pelo reconhecimento da língua e cultura próprias do surdo e da defesa do ensino da Libras precedente ao da Língua oral, surge a Educação bilíngue. Essa linha teórica preconiza o ensino de duas línguas em que o estudante esteja em um ambiente adequado para adquirir a segunda língua mediada pela sua língua natural. Amparada pelo Decreto nº 5.626 de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002 determina que se organize, para a inclusão social e escolar efetiva destes sujeitos.

I – escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II – escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes de diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como a presença de tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa. (Cap. VI, Art. 22)

A inserção do aluno surdo no ensino regular não é satisfatória para a educação do surdo, por isso, as escolas bilíngues, segundo Quadros (2006, p. 51), privilegia “o uso da língua de sinais, tanto para preservar a identidade cultural das comunidades surdas como para favorecer o acesso ao conhecimento sistematizado”. Percebe-se, assim, a importância de uma educação relevante para o surdo em que o mesmo seja respeitado na sua forma de se comunicar. Quadros sintetiza a proposta da Educação Bilíngue da seguinte forma:

A proposta de coexistência entre a língua de sinais e a língua portuguesa, demandando comparação entre os sistemas linguísticos (P1), traz subjacente a necessidade da alternativa bilíngue, em que a língua escrita e a oral são ensinadas como línguas estrangeiras, ou seja, segunda língua, dependente da aquisição de Libras, o que pressupõe o respeito às diferenças existentes na língua oral, escrita e de sinais. (QUADROS, 2006, p. 64)

Assim, é necessário um método pedagógico de recursos visuais para surdos e materiais de narrativa visual. Adequando métodos que atendam às necessidades de surdos e ouvintes, e esse é o grande desafio das escolas bilíngues. É uma tendência

muito importante para a inclusão, mas que também precisa de alguns ajustes para atender melhor aos surdos, pois a Educação bilíngue confirma um resultado positivo das lutas pelo reconhecimento da Língua e cultura própria do surdo e na defesa do ensino da Libras precedente ao da Língua oral. Essa linha teórica anda de mãos dadas com a inclusão em que o modelo inclusivista é o resultado de uma luta contra o preconceito e a segregação e preconiza que a sociedade deve estar preparada para receber a todos, adequando seu sistema educacional ou social a todos os envolvidos.

### **3. A importância da literatura surda**

A literatura é muito importante para o processo de ensino, pois é uma maneira divertida para aprender e ao mesmo tempo aguçar o imaginário da criança, facilitando, assim, apresentação e a inserção cultural. A literatura infantil é destinada a crianças entre várias faixas etárias com apresentações de histórias envolventes com vários personagens, ilustrações e recursos lúdicos que sempre envolvem temas da sociedade a serem discutidos. Como podemos observar, contar histórias pode ser também uma ferramenta essencial no processo de aprendizagem, que envolve várias formas diferentes para transmitir conhecimento e sabedoria popular de gerações para gerações. Como afirmam Karnopp e Hessel (2009, p.13):

O ato de contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização e esteve presente em diferentes culturas, atuando como um dispositivo para a aprendizagem de forma lúdica e afetiva. Acontecia em “serões” noturnos. Essa era a diversão da época, quando não havia luz elétrica, TV, cinema... Com o surgimento de escolas abertas a todos e a transferência de um número maior de famílias para os centros urbanos, o velho hábito de contar histórias correu o risco de desaparecer. Coube então aos escritores coletar as narrativas orais e registrá-las no papel, para que não se perdessem. Com o tempo, algumas dessas histórias se modificaram, mas sempre preservaram a fórmula do divertimento, magia e encantamento. (KARNOPP e HESSEL, 2009, p. 13)

A literatura em si foi passada de gerações em gerações sempre de forma oralizada através de histórias e depois de forma escrita, mas sempre através de pessoas da comunidade com traços de sua cultura e identidade. Com isso, observamos que cada comunidade tem seus traços culturais, conseqüentemente, a comunidade torna-se um lugar seguro onde compartilham experiências visuais no mesmo código e sua cultura surda. Como afirma Formozo (2008, p. 42), “A noção de comunidade surda é atravessada pela experiência visual e mediada pela língua de sinais. A comunidade

surda é, para seus integrantes, um lugar seguro onde todos compartilham de códigos semelhantes.” Com o decorrer do tempo, a literatura ganhou espaço no processo de ensino em sala de aula. O que é unânime é a importância dela para a história do mundo e para a expressão artística do ser humano. A princípio, marcada pela oralidade e cultura popular em contraste com os textos escritos que era a cultura mais refinada e para poucos, a literatura se faz presente de gerações. Como afirmam Karnopp e Hessel,

Antes da escrita, as histórias contadas nas línguas orais eram transmitidas oralmente. Naquela época, era muito importante que as pessoas guardassem na memória as histórias para que pudessem transmitir às futuras gerações, seus filhos, amigos e netos, toda a fantasia e conhecimento presentes nessas histórias. Em geral, as pessoas mais velhas eram aquelas consideradas mais sábias, uma vez que acumulavam mais conhecimento, experiências e histórias. (KARNOPP; HESSEL, 2009, p. 13)

As histórias contadas oralmente eram predominantes na sociedade e com isso as pessoas surdas perderam algumas histórias e experiências no passar das gerações, pois a Literatura Surda era vivida em comunidade. Com o decorrer do tempo, a literatura ganhou, assim, espaço nas escolas. Os livros infantis ganharam formas e diversidades, com isso houve a necessidade de incluir o surdo nas histórias surgindo a literatura surda com traços de sua cultura. Como afirmam Karnopp, Klein e Lazzarin (2011, p. 44)

Os livros de literatura infantil são artefatos culturais para um público em formação, portanto têm objetivos de não somente informar, mas também formar esses sujeitos. Uma criança surda, ao ler um livro no qual se encontram elementos da cultura, como a língua de sinais, estabelecer uma relação de identificação, e isso favorece a constituição do sujeito surdo. Nesse sentido, pode a literatura infantil torna-se um instrumento de modos de ser e de viver.

Os livros de literatura infantil são essenciais no processo de alfabetização das crianças, pois é um público em desenvolvimento e aprendizagem. E a apresentação de obras literárias é um índice de instrução e aquisição nessa faixa etária. Os gêneros literários podem ser a base para esse processo, pois o texto é fundamental para o processo cognitivo da criança e conhecimento de mundo. Com isso, houve a necessidade pelos surdos de uma literatura que representasse sua cultura. Como afirma Mourão (2011, p.112), “A literatura surda está relacionada às representações produzidas por surdos, onde se produzem significados partilhados, em forma de discurso – sem eles, não há representação surda”.

Conseqüentemente, literatura surda passou a ser observada e analisada, surgindo a necessidade de elaboração de textos sinalizados e, por sua vez, a adaptação e a tradução de obras literárias clássicas. De acordo com Karnopp e Hessel (2009, p.

4), “alguns livros são traduções de clássicos infantis para a Libras, outros são adaptações de histórias clássicas para a Libras com mudanças no roteiro, na histórias e personagens, e menor quantidade, há livros que são criações.” Com isso, o sujeito surdo ganhou uma literatura sinalizada e visual com predominância de imagem e gesto que representasse sua cultura.

Nesse contexto, a comunidade surda ganhou espaço na sociedade e na literatura com criações de histórias sinalizadas que foram transmitidas em grupos ou comunidades. Segundo Salles (2004, p. 44), essa “recuperação da literatura da comunidade surda favorece de maneira eficaz o processo de alfabetização da criança surda na Educação Infantil”.

Nas comunidades, os surdos vivenciam sua identidade e fortalecem sua cultura. As pessoas têm papel fundamental na comunidade por contarem histórias que foram passadas de gerações em forma de sinais e guardado na memória das pessoas surdas, pois diferente das histórias oralizadas, as histórias dos surdos eram sinalizadas por isso alguns registros foram perdidos.

A literatura surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Assim, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, após o surgimento da tecnologia, da gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e /ou tradições para o português. O registro da literatura surda começou a ser possível, principalmente, a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitam formas visuais de registro dos sinais. (KARNOPP, 2008, p. 2)

A literatura surda começou a ser registrada a partir do reconhecimento da Libras como língua do sujeito surdo, antes disso, os registros não eram catalogados, por isso é tão difícil encontrar registros antes disso, pois era visto como fora de padrão da língua majoritária e não precisava ser registrado.

As histórias contadas pelos surdos através de sinais revelam que a literatura surda sempre esteve presente na comunidade surda e com as políticas de inclusão elas foram acolhidas pela sociedade, pois a literatura surda é a experiência e vivência do surdo com seu povo através de traços visuais do seu cotidiano representado por línguas de sinais e visuais. Em suma, a literatura surda é a junção dos traços dos surdos na sua vivência em sua comunidade e com a sua cultura, e um modo diferenciado de ver e sentir.

A cultura surda está presente entre nós, se apresentando talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca ‘um outro lugar e uma outra coisa’, imprimindo outras imagens e outros sentidos daqueles até então existentes ou determinados pela cultura ouvinte. (KARNOPP, 2008, p. 4)

A literatura surda é essencial nesse processo de transferências dos traços culturais através de encontros e reuniões na comunidade, oferecendo produções que priorizam a comunidade surda e o acesso a histórias infantis para crianças com experiências de sua cultura, uma vez que a cultura surda é muito importante para o surdo, pois é a construção de sua identidade. Para isso acontecer, a criança surda deve ter convivência com os surdos adultos para reconhecer e melhorar sua experiência visual desde cedo, a fim de construir sua identidade e desenvolverem sua língua de sinais e sua cultura. Com o reconhecimento da Libras como língua do sujeito surdo, as escolas ganharam um papel importante nessa transmissão de conhecimento, pois, diferente das práticas pedagógicas antigas que não priorizava a Libras, as novas práticas deram relevância aprendizagem do surdo primeiramente em sua Língua materna e seguida em Língua portuguesa.

O ensino priorizava o aprendizado da fala e da língua portuguesa. Nas escolas, não havia espaço nem aceitação para as produções literárias e sinais. No entanto, acreditamos que entre os surdos circulavam histórias sinalizadas, piadas, poemas, histórias de vida, mas em espaços que ficavam longe do controle daqueles que desprestigiavam a língua de sinais. Especificamente no panorama brasileiro, é possível constatar ainda que muitas pessoas torna-se irrelevante e, para outras, decisivamente incômoda, a referência a uma cultura surda. (KARNOPP, 2008, p. 3)

Como vimos, a literatura surda sempre existiu, mas fora das escolas e da comunidade oralista, pois sempre houver produções de textos literários em língua de sinais com características e experiências visuais da comunidade surda do mundo surdo.

#### **4. Trabalhando o conto “Cinderela surda” em sala de aula**

As histórias na literatura surda foram criadas, traduzidas e adaptadas dos clássicos da literatura infantil. Toda obra adaptada traz reescrita da história original com características ou modificações que somam para interação e identidade do público alvo. As primeiras obras adaptadas são Rapunzel Surda (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003), Patinho Surdo (ROSA; KARNOPP, 2005) e Cinderela Surda (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003), a qual iremos analisar neste tópico. Além das adaptações, há obras criadas pelos surdos, como Tibi e Joca (BISOL, 2001), com a

inserção de um personagem surdo, Tibiriçá Maineri. E o feijãozinho surdo (GEMELLI, 2009).

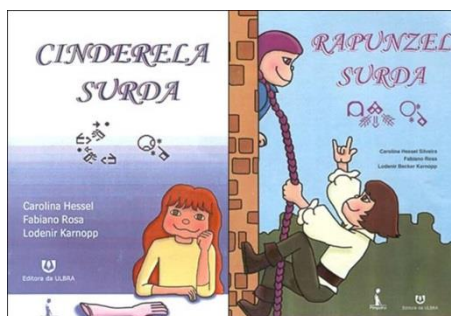


Figura 1: Os livros Cinderela Surda e Rapunzel Surda.  
Fonte: <https://images.app.goo.gl/BewyvByALH6gVUPZ6>

A obra Cinderela Surda foi adaptada do clássico da literatura, A Cinderela, do escritor francês Charles Perrault, de 1697. A adaptação foi feita pelos autores Carolina Hessel, LodernirKarnopp e Fabiano Rosa (que é surdo) com algumas mudanças que favorecem a cultura surda. No conto original, a Cinderela perde um sapato, já na adaptação, Cinderela perde uma das luvas. Remetendo ao uso das mãos tão características da língua de sinais e da forma como os surdos se comunicam. A obra tem 36 páginas e é composta de ilustrações, da língua portuguesa e da escrita de sinais (SignWriting). A escrita SignWriting é

Um sistema de escrita das línguas gestuais (no Brasil, línguas de sinais). SignWriting expressa os movimentos as forma das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação. Até agora, as únicas formas de registo das línguas gestuais eram em vídeo-cassetes, registo que continua a ser uma forma valiosa para a comunidade surda. Acrescenta-se, agora, a essa forma, a escrita das línguas, um sistema que mostra a forma das línguas de sinais. Não segue a ordem usual de outros sistemas de escrita, nem a ordem da língua oral do país onde está inserida. ( WIKIPEDIA, 2021)

Os contos de fadas estão presentes até hoje porque alimentam a nossa imaginação e encantamento, devido aos conflitos que envolvem o bem, o mal e a busca da vitória dos personagens do bem, como afirmam Karnopp e Hessel:

Os contos de fadas continuam vivendo por que eles agradam nossa imaginação e nossos sentimentos. Sempre ficamos torcendo pela vitória dos personagens bons sobre os maus e vivendo com eles as dificuldades encontradas. Cinderela está entre as primeiras que conhecemos na infância. Cinderela lança sobre nós um encantamento inesquecível, com sua bondade, com a vitória do bem sobre o mal, com triunfo dos humildes sobre os orgulhosos. Cinderela conquista a felicidade só depois de superar muitos obstáculos e enfrentar duras tribulações. (KARNOPP e HESSEL, 2009, p. 41)

Como já sabemos, a leitura de obras literárias são essenciais para aguçar o imaginário da criança e também pode ser uma ferramenta no processo de letramento da

criança, como acrescenta Salles (2004, p.44): “o processo de alfabetização de surdos tem duas chaves preciosas: o relato de histórias e a produção de literatura infantil em sinais”. O ato de contar história é essencial e fundamental para o processo de aquisição de vários saberes cognitivos. O livro é uma ferramenta fundamental para a criança aprender e estudar. Como afirma Rosa,

O livro é importante para todos aprenderem e estudarem, pois tem papel importante no contato das crianças com os mesmos. As crianças surdas desenvolvem aprendizagem através da leitura e da experiência visual, porém sozinhas não têm poder de formar como leitoras e de serem também leitores visuais – necessitam de livro, de textos e de imagens para que possam desenvolver sua capacidade visual e de leitura. (ROSA, 2006, p. 59).

O livro é um elemento com vários saberes que podem ser explorados no processo de letramento. No processo de leitura para aquisição de uma segunda língua pelo surdo se faz necessário alguns fundamentos. Como afirma Quadros e Schmiedt,

Há pelo menos dois tipos de leitura, quando se discute esse processo de aquisição de segunda língua: a leitura que apreende as informações gerais do texto, ou seja, dá uma idéia mais geral que o texto trata, e a leitura que aprende informações mais específicas, isto é, adentra em detalhes do texto que não necessariamente tenham implicações para a compreensão geral do texto. Os dois tipos de leitura são importantes quando se está aprendendo a ler em uma segunda língua e podem ser objetivo de leitura ao longo do processo de aquisição. (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 40).

Trabalhar a leitura do conto Cinderela Surda em sala de aula requer algumas observações, como apresenta Quadros e Schmiedt com as seguintes indagações:

Qual o conhecimento que os alunos têm da temática abordada no texto?  
 Como esse conhecimento pode ser explorado em sala de aula antes de ser apresentado o texto em si?  
 Quais as motivações dos alunos para lerem o texto?  
 Quais as palavras fundamentais para a compreensão do texto?  
 Quais os elementos linguísticos que podem favorecer a compreensão do texto? (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 41)

Como vimos, fazem-se necessários alguns questionamentos sobre o texto literário e algumas explicações sobre o tema para uma melhor aprendizagem das crianças. O professor tem que ter em mente sempre a perspectiva do aluno sobre o assunto e qual é o conhecimento que ele possui, com isso se faz necessária uma breve apresentação do conto Cinderela Surda e uma discussão com os alunos, levando a discussão até as crianças surdas que na maioria das vezes não tem pessoas em casa que entendam e que se comuniquem em língua de sinais, situação representada pela realidade mostrada no conto por meio da personagem Cinderela Surda que vivia sozinha em seu universo surdo.



Durante a leitura, é necessário acentuar a curiosidade da criança pelo conto, pelos personagens que se transformam com o passar das páginas e as cenas que vão transformando a realidade de cinderela, uma vez que as ilustrações são essenciais para facilitar o entendimento das histórias pelos surdos. O professor deve utilizar a Libras na leitura e sempre observar a sinalização do aluno. Mas para que a leitura consiga desempenhar seu papel na aprendizagem do surdo se faz necessário algumas observações, como afirmam Quadros e Schmiedt sobre os níveis da leitura.

A leitura no contexto do surdo tem seis níveis:

Concreto-sinal: ler o sinal que refere coisas concretas, diretamente relacionadas com a criança.

Desenho-sinal: ler o sinal associado com o desenho que pode representar o objeto em si ou a forma da ação representada por meio do sinal.

Desenho-palavra escrita: ler a palavra representada por meio do desenho relacionado com o objeto em si ou forma da ação representada por meio do desenho na palavra.

Alfabeto manual-sinal: estabelecer a relação entre o sinal e a palavra no português soletrada por meio do alfabeto manual.

Alfabeto manual-palavra escrita: associar a palavra escrita com o alfabeto manual.

Palavra escrita no texto: ler a palavra no texto.

(QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 41)

Como observamos, a leitura no patamar do surdo precisa ter alguns níveis para aprendizagem. No Nível Concreto-sinal tem que despertar a curiosidade da criança para o conto Cinderela Surda, com uma conversa em grupo como, por exemplo, Cinderela morar na França, sobre como seria um castelo para as crianças e as características de um príncipe? E sobre a fada madrinha quais poderes ela tem? Sempre observando as resposta das crianças nessa comunicação sendo feita em Libras e em português. E levantando algumas perguntas: A Cinderela é surda ou ouvinte? Por que vocês acham que ela é surda? Por que ela e o príncipe se comunicam em sinais? Como uma pessoa surda se comportaria? Sempre envolvendo as crianças no clima de curiosidade sobre o conto Cinderela surda.

No Nível Desenho-sinal, temos que chamar atenção das crianças sobre os sinais em Libras com apresentação de um desenho e seu respectivo sinal em Libras. Como exemplo, os sinais de CINDERELA, FADA MADRINHA, PRINCIPE, CASTELO, IRMÃS, e MADRASTA, sempre sinalizando o sinal com o desenho apresentado. Já no Nível Desenho-palavra escrita, observamos que com leitura do conto Cinderela Surda vamos relacionando as imagens com as palavras em escrita no texto, havendo a representação do desenho pela palavra.

O Nível Alfabeto manual-sinal, vamos direcionar a palavra no texto com seu sinal em Libras esoletrando por meio do alfabeto manual. Exemplo:

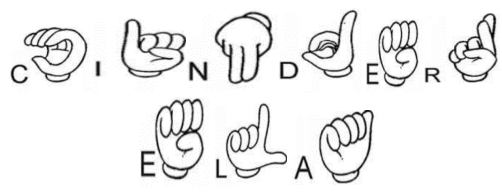
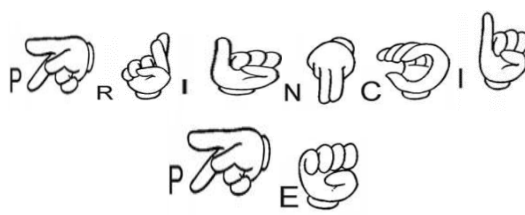
Cinderela	Príncipe
	

Figura 2: Alfabeto manual das palavras Cinderela e Príncipe.

Fonte: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Letras-em-LIBRAS-Acreditamos-que-para-aumentar-o-realismo-e-melhorar-o\\_fig2\\_262523644](https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Letras-em-LIBRAS-Acreditamos-que-para-aumentar-o-realismo-e-melhorar-o_fig2_262523644)

Sobre o Nível Alfabeto manual-palavra escrita, vamos explorar como seria essa representação entre o sinal e sua palavra no português, soletrada por meio do alfabeto manual. Com isso, a criança vai aprendendo cada sinal e sua respectiva palavra.

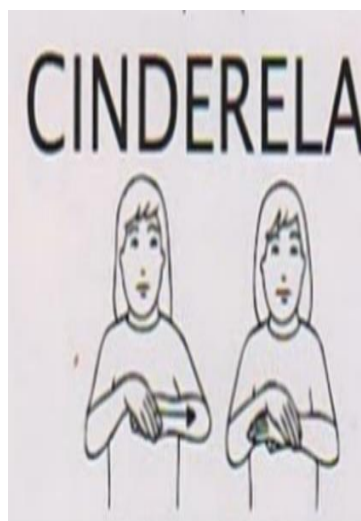


Figura 3: Sinal em libras de Cinderela e abaixo o alfabeto manual da palavra.

Fonte: <https://www.passeidireto.com/arquivo/62751145/cinderela-libras-grupo-materiais-pedagogicos>



Figura 4: Palavra príncipe sinalizada em libras e abaixo o alfabeto manual da palavra.  
 Fonte: <https://www.passeidireto.com/arquivo/62751145/cinderela-libras-grupo-materiais-pedagogicos>

Finalmente, nos níveis de leitura para surdo, temos o Nível palavra escrita no texto com a leitura do conto Cinderela Surda. Observamos a presença de desenhos da língua de sinais, com isso podemos relacionar a escrita com o desenho e o sinal, havendo assim a junção dos elementos sinal e palavra escrita no texto.

Como vimos, a leitura precisa ser bem elaborada para o surdo conseguir aprender com auxílio do texto. Como afirma Salles (2004, p. 110), “fica claro que o texto escrito não pode se restringir a transmitir informações estruturais e lexicais, mas caberá a ele assumir o papel de contextualizador, trazendo aspectos pragmáticos, sociolinguísticos e culturais”.

Na obra Cinderela Surda, a proposta é a identidade surda, sendo contado na escrita de sinais e em português, com características culturais dos surdos, pois, no livro, no lugar do sapato de cristal, a personagem surda perde sua luva rosa, fazendo referência as mãos, que são o meio de comunicação do surdo, e rosa devido ao universo feminino. Os desenhos dos personagens chamam atenção, como também as expressões não manuais são fatores essenciais na comunicação do surdo, e relação ao ambiente e o cenário não tem muita imagem já pra não haver poluição visual, com isso, observa-se que a obra apresenta só os elementos visuais essenciais para narrativa sendo mais fácil

para os surdos compreenderem o texto. Com a leitura do conto Cinderela Surda, observamos que ela é excluída do convívio familiar, pois só ela sabia língua de sinais, com isso não tinha com quem se comunicar como lemos na história ela apreende a língua de sinais na comunidade surda. A comunidade é, como afirma Salles,

A preferência dos surdos em relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e traz segurança. É no contato com seus pares que se identificam com outros surdos e encontram relatos de problemas e histórias semelhantes às suas: uma dificuldade em casa, na escola, normalmente atrelada à problemática da comunicação. É principalmente entre esses surdos que buscam uma identidade surda no encontro surdo-surdo que se verifica o surgimento da Comunidade Surda. (SALLES, 2004, p. 37)

A comunidade Surda é bem representada na obra com suporte oferecido para Cinderela Surda e como um ponto seguro com trocas de experiências, códigos e aprendizagem. Com isso, incentivando a criança surda a construir sua imagem no universo surdo. A leitura desperta na criança um conhecimento de mundo fora do seu contexto social.

## **5. Considerações Finais**

A literatura surda é uma arte que mostra a identidade surda. Essa arte usada criativamente e artisticamente, é mais uma das oportunidades em que o surdo pode mostrar sua língua, sua identidade e suas tradições. A leitura da obra Cinderela Surda mostra um pouco da cultura manifestada pelos personagens surdos, que se identificam como surdos, diferente das imposições anteriores dos oralistas. A obra em escrita de sinais também desmistifica um dos mitos que pensa que a Língua de sinais não permite a expressão de conceitos sobre diversos conteúdos, como conceitos técnicos e científicos. Diante disso, é capaz de expressar diversos conteúdos.

A literatura visual tem vários artefatos que podem ser utilizados como recurso no processo de aprendizagem. O ensino de língua de sinais para crianças surdas como sua primeira língua (L1) é um direito adquirido pelo surdo. Lembrando que, apesar de a língua gestual-visual ser a língua materna dos surdos, eles não têm esse primeiro contato em casa com a Libras, sua língua oficial. Sendo assim, nos primeiros contatos com esses indivíduos, torna-se imprescindível o uso de literatura e com isso a inclusão dos vocabulários, pois o ato de repetição dentro da obra faz com que os mesmos fixem o que aprenderam em sala de aula. Priorizar o acesso a essa modalidade de ensino faz todo o diferencial para que os alunos se familiarizem com sua língua, tenham um

aprendizado eficaz para toda a vida escolar. A literatura também pode abrir espaço para desenvolver o lado artístico das crianças, como ser um bom contador de história, contos e anedotas. Como toda atividade de leitura, ao proceder a produção textual vamos ensinar as nossas crianças a (re)produzir o universo a sua volta, e conseqüentemente a escrita em português com auxílio da utilização da Libras, induzindo as crianças no mundo da escrita.

O trabalho com a Literatura surda poder ter como auxiliadora a tecnologia com seus recursos visuais tais como, TV, data show, computadores, os quais fazem com que essas aulas se tornem atrativas, levando os alunos a se identificarem com tudo que foi exposto. A língua de sinais é uma língua que representa a comunidade surda que, ao longo do tempo, resistiu aos empecilhos e sobreviveu, e, com isso, expandiu a Cultura Surda.

## Referências

BISOL, C. **Tibi e Joca: uma história de dois mundos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

BRASIL, Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)> Acesso em 10 de novembro de 2020.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em :<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> acesso em 10 Novembro de 20202.

BRASIL, Ministério de educação e cultura. Lei LDB – Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 10.436/2002 Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em 09 Novembro de 2020.

FORMOSO, D. **Currículo e educação de surdos**. Pelotas, 2008.

GAYOSO, Rosely S. L. **Currículo e letramento na Educação de surdos**. São Paulo: KnowHow, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KARNOPP, Lodenir. HASSEL, Carolina. **Metodologia da Literatura Surda**. Florianópolis, 2009.

KARNOPP, Lodenir. **Literatura surda**. Florianópolis, 2008.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LAZZARIN, M. L. L.(orgs.) **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrência e provocações**. Canoas:ULBRA, 2011.

- KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- KUCHENBEKER, LiegeGemelli. **O Feiãozinho Surdo**. Canoas: ULBRA, 2009.
- MARQUETI, Adriana Rocha Rodrigues. **A Inclusão do deficiente auditivo na educação infantil: atuação do professor**. Lins, SP, 2013.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais**. Porto Alegre, 2011.
- OLIVEIRA, Carmen Elizabete de. **Literatura Surda Infantil: Uma Via Para Além do Silêncio**. Cascavel-PR, 2019.
- QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Idéias para o ensinar português para os surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.
- QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para os surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodernir. **Patinho Surdo**. Canoas: ULBRA, 2005.
- ROSA, Fabiano Souto. **Literatura surda: criação e produção de imagens e textos**. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 58–64, 2006. DOI: 10.20396/etd.v7i2.791. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/791>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima [et al]. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEE, 2004.
- SCHWANCK, Tânea Mengue. **Inclusão e surdez na educação infantil**. Três cachoeiras, 2010.
- SILVEIRA, C. H. KARNOPP, Lodernir. ROSA, Fabiano. **Cinderela Surda**. 3. ed. Canoas: ULBRA, 2011.
- SILVEIRA, C. H.; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodernir. **Rapunzel Surda**. Canoas: ULBRA, 2003.
- SKLIAR, C. **Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade**. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- WIKIPEDIA. Disponível em :<<https://pt.wikipedia.org/wiki/SignWriting>> acesso em 28 de Maio de 2021.